

# **PARA SER TRADUTOR OU PARA MELHORAR A LÍNGUA? POR QUE ESTUDANTES BRASILEIROS ESCOLHEM CURSOS DE TRADUÇÃO?**

*John Milton* \*

**RESUMO:** Este estudo baseia-se numa pesquisa feita com estudantes de dois cursos de graduação em tradução e um curso de especialização, também em tradução, no estado de São Paulo, Brasil. Examinadas as razões pelas quais estudantes escolhem cursos universitários nesta área, apurou-se que um grande número desses estudantes estão mais interessados em melhorar seus conhecimentos de línguas estrangeiras do que em se tornar propriamente tradutores. As conclusões advindas desta pesquisa nos levam a questionar o valor de cursos de graduação na formação de tradutores de carreira, num mundo onde há cada vez mais flexibilidade no mercado de trabalho.

**UNITERMOS:** ensino da tradução; universidades brasileiras; Letras.

## **Introdução**

O primeiro curso universitário na área de tradução no Brasil surgiu em 1968, na PUC do Rio de Janeiro. Aberto como parte da tendência mundial, nos anos 60, de aumento do número de cursos de terceiro grau na área de tradução (ver Pym, 1999: 37), o curso dirigia-se principalmente às filhas da classe média-alta carioca. Também nessa época, observou-se a massificação do ensino de terceiro grau no país e, como resultado, funcionam hoje dezoito cursos de graduação em tradução no Brasil; quase

---

\* Universidade de São Paulo, Brasil.

toda a classe média brasileira freqüenta um curso universitário. O nível de qualidade dos diversos cursos varia significativamente: as universidades estaduais, federais e católicas geralmente têm um bom nível de pesquisa, já as chamadas faculdades "de esquina" não contemplam pesquisa e são gerenciadas, em sua maioria, como um negócio rentável. A rápida expansão do ensino superior foi acompanhada pela regulamentação de várias profissões, dentre elas a engenharia, o direito, a medicina, o jornalismo e o secretariado bilíngüe. O resultado efetivo disso foi, por exemplo, a exigência, no Brasil, de que o profissional seja graduado na área para poder exercer a profissão de jornalista, fato este que ocasionou a formação de um público cativo nos cursos na área de jornalismo.

O número de cursos de tradução cresceu nos anos 70, mas foi impossível para as escolas/faculdades controlar o nível dos ingressantes e assegurar que todos os alunos tivessem um bom domínio da língua estrangeira, já que a margem de lucro das faculdades particulares depende de salas de aula com determinado número de alunos. Além disso, não é necessário que o candidato tenha um bom conhecimento de línguas estrangeiras para ser aprovado no vestibular e o conhecimento aprofundado de línguas estrangeiras não é uma tradição no Brasil.

Em muitos casos, as faculdades particulares limitam-se a oferecer cursos medíocres a alunos que necessitam de qualificação profissional. Na prática, é possível concluir um curso de língua estrangeira com conhecimento e habilidade limitados na língua. Ser graduado em uma determinada língua não significa necessariamente ter bom conhecimento dela.

Nos últimos três anos, o Ministério da Educação, MEC, tem fiscalizado as faculdades através do Provão, uma prova aplicada a todos os cursos, com o objetivo de apurar o nível de conhecimento dos estudantes em suas áreas específicas e de atribuir notas a todos os cursos. Os cursos que recebem notas mais altas obviamente atraem mais alunos.

Durante os últimos 30 anos, os cursos tradicionais de letras têm se tornado cursos Cinderela. Alunos que gostam de escrever tendem a optar por cursos mais atraentes em termos profissionais, como jornalismo, publicidade e propaganda. As esco-

lhas profissionais para os graduados em Letras são bastante limitadas: muitos acabam se tornando professores, uma carreira que, devido à baixa remuneração do setor público, é para muitos uma opção pouco atraente. Outros conseguem trabalho como revisores e copidesques, ocupações que tampouco são bem remuneradas. Assim, um curso de tradução poderia ser uma opção mais atraente tanto para faculdades, que atrairiam alunos, quanto para estudantes com potencialidade, que buscam evitar as associações negativas que muitos cursos de letras têm.

Este é o pano de fundo deste estudo, que pretende examinar a conexão, ou falta de conexão, entre os cursos universitários de tradução e a profissão de tradutor. Coletaram-se dados por meio de um questionário aplicado a alunos de graduação da Faculdade Ibero-Americana, de São Paulo, que oferece cursos matutinos e noturnos de tradução e interpretação, e a alunos de graduação do Curso de Tradutores da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), campus São José do Rio Preto (RP). Normalmente esses bacharelados duram quatro anos. Aplicou-se ainda um questionário com algumas modificações a alunos do Curso de Especialização em Tradução da USP.

Outra pesquisa informal foi feita pela Internet, com tradutores profissionais. A idéia desta pesquisa se originou de uma discussão informal que teve início em fins de 1998, quando lancei uma pergunta aos tradutores de português na lista <tradprt@onelist.com>. A pergunta se referia ao tipo de treinamento mais apropriado para tradutores no Brasil e aos problemas observados nos cursos de tradução oferecidos pelas faculdades. As respostas colhidas evidenciaram grande divergência entre os participantes, especialmente quanto à questão do melhor tipo de treinamento para tradutores. Alguns acreditavam ser preferível obter primeiramente uma graduação em áreas tais como direito, medicina ou engenharia, para, só então, proceder-se à especialização em tradução. Outros tradutores, ao contrário, responderam que acreditavam que uma graduação em tradução era uma perda de tempo e que cursos pontuais, de curta duração, feitos paralelamente ou após a conclusão de um curso de graduação em outra área, seriam muito mais produtivos.

Por parte dos tradutores consultados, houve certo consenso em relação a alguns dos problemas dos cursos de graduação em tradução existentes no Brasil. Dentre os problemas citados está a proximidade entre cursos de tradução e cursos de letras e a conseqüente incapacidade desses cursos para treinar estudantes que possam atuar como tradutores. De fato, todos os cursos de tradução em nível de terceiro grau do país originaram-se em faculdades de letras, podendo-se afirmar que, ainda hoje, muitos desses cursos estão organizados nos moldes dos cursos de letras, ou seja, com grande parte do currículo dedicada à literatura e à lingüística e com pouca ênfase na tradução técnica. Os tradutores da lista apontaram ainda que os cursos de graduação em tradução não preparam o aluno para o mercado de trabalho, não oferecem treinamento para a utilização de *software* e não orientam o aluno na montagem de uma microempresa. Outro aspecto levantado pelos tradutores consultados foi a distância existente entre o conteúdo dos cursos e a realidade da prática tradutória, que se explica pela pequena vivência que os professores que atuam nesses cursos têm do mercado de tradução. Houve, entretanto, vozes contrárias, que acreditam que um bom conhecimento do elemento teórico da área – supostamente oferecido por esses cursos – possa ser de grande valia no futuro do aprendiz.

Outro ponto que causou controvérsia na pesquisa realizada diz respeito à necessidade ou não de cursos de graduação em tradução. Os críticos argumentam que poucos estudantes no Brasil saem desses cursos com competência suficiente na língua estrangeira para entrar no mercado de tradução. Não seria talvez mais promissor, em termos de perspectiva de ingresso no mercado de tradução, oferecer cursos de especialização para alunos que já dispõem de um bom conhecimento da língua?

Ainda que admitam que a maioria dos graduandos carece do preparo necessário para se lançarem no mercado, os defensores dos cursos de graduação em tradução acreditam que um curso universitário de tradução pode oferecer ao aluno uma base sólida, propiciando-lhe a aquisição de habilidades lingüísticas de bom nível. Os melhores cursos fornecem conhecimento teórico e treinamento de habilidades que podem ser desenvolvidas poste-

riormente, em cursos mais especializados ou treinamento *in-house*. É também importante salientar a relevância de tais cursos para a profissão de tradutor propriamente dita, ou, pelo menos, para o estatuto da profissão na universidade, pois é desses cursos que depende, em grande medida, a oferta de empregos universitários, que significam aumento do número de professores de terceiro grau e aumento do espaço acadêmico reservado à tradução, fator que contribui para o reconhecimento da tradução, entendida como disciplina, pelas agências de fomento estaduais e federais. Ao ser reconhecida como disciplina, a tradução merecerá um orçamento próprio, que criará maiores possibilidades de obtenção de bolsas e propiciará a participação de professores de tradução em comissões das agências financiadoras de pesquisa.

Neste momento, poderíamos voltar à velha oposição entre cursos mais especializados e os cursos liberais tradicionais. Até que ponto o curso de graduação deve ser orientado para a profissão, especialmente em áreas não-técnicas? E caso ele seja voltado à profissão, haverá garantias de que uma percentagem alta dos graduados encontrará colocação no mercado? O fato de um grande número de graduados não seguir a carreira correspondente ao curso freqüentado indicaria o fracasso do curso? Será que a idéia do treinamento específico para uma dada profissão não deveria ser repensada, face ao ambiente de trabalho que encontramos hoje: não tão seguro e mais flexível, que exige do tradutor o domínio de várias habilidades, como, por exemplo, a edição de textos, a atuação como intérprete, a redação na língua estrangeira, atividades de secretariado, ou mesmo habilidades acopladas, como, por exemplo, tradução, revisão e formatação? Muitos tradutores, e incluo-me nesse grupo, conciliam tradução e ensino. Tendo isto em vista, quais deveriam ser as habilidades oferecidas pelo curso de graduação em tradução?

De que modo um curso universitário de tradução deveria tentar acompanhar as exigências do mercado e fornecer treinamento para aquelas áreas da tradução que apresentam crescimento rápido, tais como a tradução para a mídia e a localização de software? A universidade, que tradicionalmente reage com morosidade às exigências do mercado, poderia ou deveria atuar

nestas áreas? Ou talvez coubesse a entidades menores e mais ágeis a tarefa de oferecer tais cursos? Em caso afirmativo, os cursos deveriam estabelecer qualquer ligação com a universidade? Voltarei a estes pontos mais adiante.

## **A pesquisa**

O Ibilce – Instituto de Biologia, Letras e Ciências Exatas é um dos campi da Universidade do Estado de São Paulo – UNESP, localizado em São José do Rio Preto (RP), uma das cidades mais ricas do estado de São Paulo, que se estabeleceu como centro de serviços de uma próspera região agrícola. A cidade tem 200.000 habitantes e situa-se a 400 quilômetros da cidade de São Paulo. Os graduandos do curso de tradução, em sua maioria oriundos de famílias de classe média do interior do estado, estudam em tempo integral e a grande maioria ingressou na universidade logo após a conclusão do segundo grau.

Os alunos em RP, além das aulas de lingüística e língua portuguesa, estudam duas línguas estrangeiras: inglês e espanhol ou francês e italiano. No terceiro e quarto anos do curso, os alunos cumprem um período de estágio, que geralmente consiste em uma tradução feita para a *Oficina de Tradução* de RP. Esta *oficina* se dedica a preparar traduções para a comunidade de São José do Rio Preto e para outros cursos, quer no próprio campus de RP, quer em outras unidades da UNESP. A tradução preparada em caráter de estágio é supervisionada por um professor do curso. Menos freqüentemente, o programa de estágio também pode ser realizado junto a alguma empresa da cidade. A demanda por traduções em empresas sediadas em RP é baixa, já que a maior parte das empresas que solicitam serviços de tradução e legendagem encontra-se na cidade de São Paulo.

Ao completarem o curso de graduação, os alunos recebem o título de *Bacharel Tradutor*. Os professores da UNESP, além das atividades relacionadas ao ensino na graduação, devem estar engajados em pesquisa. A tradução é também uma das áreas do curso de pós-graduação do programa de Literatura Comparada. Como acontece em todas as universidades estaduais e federais do Brasil, o curso em RP é gratuito.

Nossa pesquisa também procurou mapear o curso de graduação de tradução e interpretação da Faculdade Ibero-americana (Ibero), localizada no centro da cidade de São Paulo. A Ibero oferece cursos de bacharelado em administração de empresas, relações internacionais, e turismo e hotelaria, além do próprio curso de tradução e interpretação em inglês e espanhol (o curso é oficialmente denominado *Curso de Letras: Habilitações Tradutor e Intérprete*). Embora os professores não sejam obrigados a realizar pesquisa, é desejável que eles estejam engajados em programas de mestrado em áreas relacionadas ao curso. O interesse da faculdade pelos aspectos acadêmicos da tradução é atestado pela organização de conferências e congressos. É o caso do congresso internacional (CIATI), realizado com grande sucesso em maio de 1998; sua próxima edição está prevista para maio de 2001.

Os alunos entrevistados para este estudo são do período noturno e a grande maioria deles exerce uma atividade remunerada no período diurno. O currículo do curso apresenta significativa ênfase em aulas de língua, juntamente com aulas de prática de tradução e versão. Como em RP, os alunos devem cumprir estágios durante o terceiro e quarto anos, de acordo com as exigências feitas pelo Ministério da Educação para todos os cursos profissionalizantes de terceiro grau. Novamente, há dificuldade em colocar em empresas ou agências de tradução os mais de cem alunos dos turnos matutino e noturno. Alguns alunos buscam estágios nas próprias empresas onde trabalham; mas, para a maioria dos graduandos, as atividades do estágio obrigatório compreendem uma tradução técnica e a preparação de um glossário, realizadas sob a orientação de um especialista na área. As atividades de estágio são diferenciadas: no terceiro ano o aluno deverá traduzir um texto de aproximadamente dez páginas, com a opção de trabalho em pequenos grupos, e no quarto ano, o texto a ser traduzido é bem mais longo e a tarefa deve ser feita individualmente. O curso na Ibero é pago e as mensalidades giram em torno de US\$ 260.

Ambos os questionários foram aplicados em português.

**Questionário para estudantes de cursos de graduação em tradução**

Nome

Endereço

e-mail

Fax

Idade

Curso e ano

Formação acadêmica

Por que você escolheu este curso de graduação em tradução?

Qual é a carreira profissional que você pretende seguir?

Você já está trabalhando / já trabalhou com tradução/interpretação? Com quais tipos de tradução/interpretação? Favor detalhar.

Em quais áreas da tradução você gostaria de trabalhar no futuro?

Em quais áreas este curso lhe dará mais subsídios para melhorar suas habilidades como tradutor?

De que maneira este curso o ajudará no mercado de trabalho de tradução?

Quais são os outros efeitos positivos do curso?

Podemos entrar em contato com você no futuro para uma segunda parte desta pesquisa?

Muito obrigado

Um questionário, com algumas modificações, foi aplicado aos alunos do curso de *Especialização em Tradução* de longa



duração, organizado pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). O curso, que teve início em 1978, dura dois anos e os alunos devem cursar as seguintes disciplinas obrigatórias: Teoria da Tradução; Terminologia Comparada; Lingüística Contrastiva I e II; Produção de Textos e Reprodução na Língua Estrangeira; Prática de Tradução de Linguagem Legal, Técnica, Literária e Jornalística; Tópicos de Prática de Tradução.

Os requisitos para ingresso no curso incluem ser graduado e aprovado em prova de admissão em tradução além de uma entrevista. Há vinte e cinco vagas no curso para cada uma das três línguas oferecidas: inglês, francês e alemão. A maioria das disciplinas são oferecidas no período vespertino.

O questionário foi aplicado ao grupo de língua inglesa. Vale ressaltar que a grande maioria dos alunos tem experiência profissional em alguma área, não necessariamente em tradução (na verdade, a pesquisa revelou um número baixo de tradutores). Observou-se, também, que poucos alunos ingressaram no curso de especialização logo após concluírem suas respectivas graduações.

O curso da USP começou, nos anos 70, como uma área optativa que podia ser inserida a partir do terceiro ano do curso de graduação e formou seus primeiros graduados naquela época. Entretanto, devido a problemas políticos internos, o curso, como opção dentro da graduação, foi descontinuado, sendo transformado em seguida em curso de especialização de longa duração.

Embora não haja um curso de graduação em tradução na USP, há aproximadamente cinquenta pós-graduandos nos Departamentos de Letras Modernas, Teoria Literária e Lingüística preparando dissertações de mestrado e teses de doutoramento na área. Também no prédio de letras está situada a sede do CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia – responsável pela publicação desta revista internacional *TradTerm*, entre outras publicações. Ainda no prédio de letras funciona atualmente a sede da ABRAPT – Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução.

**Questionário - Curso de Especialização em Tradução**

Nome

Endereço

e-mail

Fax

Idade

Ocupação atual

Formação acadêmica

Por que você está fazendo este curso de especialização em tradução?

Você já está trabalhando com tradução/interpretação? Com quais tipos de tradução? Dê detalhes.

Você pretende trabalhar com tradução no futuro? Em quais áreas da tradução?

Em quais áreas este curso lhe dará mais subsídios para melhorar suas habilidades como tradutor?

De que maneira este curso o ajudará no mercado de trabalho de tradução?

De que maneira você acha que este curso o ajudará em termos profissionais?

Quais são os outros efeitos positivos do Curso de Especialização em Tradução?

De que modo você acha o valor do curso de graduação em tradução?

Você gostaria de ter feito um curso de graduação em tradução? Por quê?

Podemos entrar em contato com você para uma segunda etapa deste estudo?

Muito obrigado.

Façamos, agora, uma análise dos resultados obtidos com base nas perguntas e respostas que nortearam nossa pesquisa.

A questão inicial referiu-se às razões que levaram os alunos a escolher o curso. Obtivemos os seguintes resultados, tabulados na tabela abaixo:

**Tabela 1a: Razões que nortearam a escolha do curso – Rio Preto<sup>1</sup>**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Qualidades do curso	4	11%	3	7%	6	17%	11	45%	24	17%
Habilidades ling.	19	53%	27	61%	16	46%	6	25%	68	53%
Univ. pública	-		1	2%	6	17%	4	16%	11	8%
Para não dar aula	-		3	7%	1	3%	2	8%	6	4%
Perto de casa	2	5%	-		2	6%	1	4%	5	4%
Para ser tradutor	10	28%	6	14%	3	9%	-		19	14%
Outros	1	3%	2	4%	3	9%	-		6	4%
Total	36		42		37		24		139	

A escolha mais popular (com exceção do último ano) está ligada à possibilidade de melhorar as habilidades lingüísticas e ter contato com culturas estrangeiras. Em segundo lugar, encontra-se a qualidade do próprio curso, razão principal para os alunos do último ano. Vários alunos mencionaram que escolheram a UNESP-RP em virtude da nota alta alcançada pelo curso na classificação dos cursos de tradução publicada pelo *Guia do Estudante*, perdendo somente para a PUC do Rio de Janeiro. Somente 14% dos alunos admitiram ter escolhido o curso por pretenderem traduzir ou tornar-se tradutores. Essa porcentagem diminuiu durante o curso e não foi mencionada pelos alunos do último ano. Um número reduzido de alunos justificou a escolha de um curso de tradução pelo fator "perto de casa" ou o desejo de evitar a necessidade de ter de "dar aulas".

<sup>1</sup> Aqui, como em várias das perguntas feitas, os informantes da pesquisa escolheram mais de uma opção.

**Tabela 1b: Razões que nortearam a escolha do curso – Ibero**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Qualidade do curso	-	-	5	17%	8	10%	3	7%	16	8%
Mais oportunidades profissionais	4	9%	-	-	3	7%	-	-	7	4%
Habilidades lingüísticas	28	62%	13	45%	52	63%	27	66%	120	62%
Parte do trabalho	-	-	5	17%	5	6%	-	-	7	4%
Para ser tradutor	6	13%	1	3%	8	10%	5	12%	20	10%
Outros	7	15%	5	17%	7	8%	6	15%	23	12%

Como em RP, a maioria dos alunos escolheu o curso com o objetivo de melhorar suas habilidades lingüísticas, sendo que uma porcentagem menor em relação a RP justificou a escolha do curso especificamente para melhorar as habilidades em tradução e para se tornar tradutor. Alguns alunos deram razões profissionais, ou seja, que a tradução fazia parte do emprego no qual atuavam e que poderiam melhorar as possibilidades profissionais fazendo o curso. Uma porcentagem menor entre os alunos respondeu que estudava na Ibero pela qualidade do curso. Podemos especular que muitos dos alunos que responderam ao questionário na Ibero provavelmente tenham tentado sem sucesso entrar em cursos gratuitos através do vestibular, e que a Ibero teria sido uma segunda ou terceira opção.

Examinemos, a seguir, as áreas nas quais os alunos desejavam atuar.

**Tabela 2a: Áreas de tradução nas quais os alunos gostariam de atuar – Rio Preto**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Comercial	3	6%	1	2%	6	17%	1	3%	11	7%
Técnica	1	2%	4	9%	6	17%	7	24%	18	11%
Mídia	12	26%	12	27%	4	11%	7	24%	35	22%
Interpretação	14	30%	7	15%	3	8%	4	14%	28	18%
Literatura	9	19%	12	27%	5	14%	5	17%	31	20%
Pesquisa	1	2%	2	4%	-	-	2	7%	5	3%
Medicina	-	-	3	7%	3	8%	2	7%	8	5%
Juramentada	4	9%	-	-	2	5%	-	-	6	4%
Jornalismo	3	6%	-	-	2	5%	-	-	5	3%
Outros	1	2%	4	9%	5	14%	1	3%	8	5%
Total	47		45		36		29		158	

Embora não haja nenhuma área específica preferida pelos alunos de RP, podemos tecer alguns comentários. O número de

graduandos que pretende atuar nas áreas técnica, médica e comercial aumenta significativamente ao longo do curso, ao passo que o número de alunos que querem trabalhar com tradução literária diminui. A escolha mais popular entre os calouros é a interpretação. Porém, a interpretação não faz parte do programa de tradução em Rio Preto, e esta porcentagem diminuiu acentuadamente no decorrer do curso.

**Tabela 2b: Áreas de tradução nas quais gostariam de atuar - Ibero**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Comercial	3	5%	1	4%	6	7%	2	5%	12	5%
Técnica	6	10%	5	19%	18	20%	8	20%	37	17%
Mídia	19	30%	3	12%	15	16%	6	15%	43	19%
Interpretação	11	17%	3	12%	6	7%	1	2%	21	9%
Literatura	19	30%	8	31%	21	23%	15	37%	63	28%
Medicina	-	-	2	8%	10	11%	3	7%	15	7%
Juramentada	1	2%	1	4%	3	3%	2	5%	7	3%
Jornalismo	1	2%	-	-	4	4%	-	-	5	2%
Outros	3	5%	3	12%	18	20%	4	10%	28	13%
<b>Total</b>	<b>63</b>		<b>26</b>		<b>91</b>		<b>41</b>		<b>221</b>	

Os números obtidos para as duas escolas são semelhantes. As duas áreas de atuação preferidas pelos alunos coincidem nas duas instituições: literatura e mídia (literatura em primeiro lugar na Ibero e mídia em primeiro lugar em RP). A tradução técnica aparece em terceiro lugar na Ibero e em segundo lugar em RP, ainda que a tradução técnica aumente em popularidade durante o curso.

Conforme os resultados analisados na próxima seção, um número maior de alunos da Ibero já tinha experiência em tradução e, em conseqüência, estavam mais conscientes quanto às oportunidades profissionais neste campo. A opção pela interpretação diminui, em ambos os cursos, embora muito mais rapidamente na Ibero do que em Rio Preto. À primeira vista, este fato pode surpreender, especialmente porque os alunos da Ibero estão sendo treinados em tradução e interpretação. Essa queda pode ser justificada pelo fato de que, no decorrer do curso, os alunos começam a perceber a grande dificuldade de ingresso no mercado de interpretação e as habilidades exigidas de um intérprete.

**Tabela 3a: Alunos que já trabalharam com tradução – Rio Preto**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Não	24	83%	25	90%	4	17%	3	16%	56	57%
Informalmente	5	17%	3	10%	16	67%	12	67%	36	36%
Sim	-	-	-	-	4	17%	3	16%	7	7%
Total	29		28		24		18		99	

**Tabela 3b: Estudantes que já trabalharam com tradução – Ibero**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Não	28	82%	15	75%	48	67%	26	65%	117	69%
Como parte do trabalho	3	9%	1	4%	8	11%	6	15%	18	12%
Informalmente	1	3%	3	12%	6	8%	-	-	10	6%
Trabalhando como tradutores	1	3%	1	4%	10	14%	8	20%	20	13%
Trabalhando como intérpretes	1	3%	-	-	-	-	-	-	1	1%
Total	34		20		72		40		166	

Mais uma vez, as estatísticas são semelhantes em ambas as escolas. A maioria dos alunos não tem experiência em tradução. Em ambas as escolas, os alunos devem completar o estágio obrigatório no terceiro ano, mas parece que os alunos da Ibero não consideram que o estágio signifique “trabalhar com tradução” de fato. A porcentagem (65%) que nunca trabalhou com tradução não é muito mais baixa do que a porcentagem do primeiro ano (82%). Uma porcentagem baixa (7% em RP e 13% na Ibero) já atua como tradutor. Este número é mais alto na Ibero, uma vez que a maioria dos seus alunos trabalha em atividades em tempo integral. Alguns deles também traduzem como parte das atribuições de seus empregos, embora não sejam contratados como tradutores.

**Tabela 4a: Em quais áreas o curso mais o ajuda a melhorar as habilidades em tradução? – Rio Preto**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Prática de tradução	2	18%	9	31%	6	37%	4	25%	21	29%
Literatura	1	9%	12	41%	0	0	1	6%	14	19%
Português	2	18%	3	10%	0	0	-	-	5	7%
Técnica	1	9%	2	7%	2	12%	10	62%	15	21%
Habilidades lingüísticas	4	36%	1	3%	2	12%	-	-	7	10%
Outros	1	9%	2	7%	6	37%	1	6%	10	14%
Total	11		29		16		16		72	

**Tabela 4b: Em quais áreas o curso mais o ajuda a melhorar as habilidades em tradução? – Ibero**

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Total	
Prática de tradução	11	41%	15	60%	11	19%	7	20%	44	30%
Literatura	0		2	8%	15	25%	9	26%	26	18%
Português	3	11%	3	12%	1	2%	1	3%	8	5%
Gramática	4	15%	4	16%	1	2%	1	3%	10	7%
Técnica	0		0		6	10%	7	20%	13	9%
Ensino	0		0		3	5%	4	11%	7	5%
Interpretação	3	11%	0		6	10%	2	6%	10	7%
Habilidades linguísticas	6	22%	1	4%	4	7%	0		11	8%
Outros	0		0		12	20%	4	11%	16	11%
Total	27		25		59		35		146	

A prática de tradução alcançou índices maiores nas duas escolas. A literatura aproxima-se dos 20% nas duas escolas, embora haja uma variação significativa de um ano para outro. É provável que os alunos, quando fazem parte de um curso de tradução literária, sintam que o curso os auxilia. O mesmo pode ser dito em relação à tradução técnica, ensinada somente no último ano do currículo de Rio Preto. A gramática é mencionada em muitas respostas, reforçando o fato de que os cursos de tradução são vistos com frequência como cursos de línguas. Uma porcentagem pequena na Ibero (5%, entre alunos do terceiro e quarto anos) considera que o curso fornece habilidades didáticas. Embora a didática não faça parte de nenhum dos dois programas de graduação, um considerável número de alunos nas duas escolas atuará futuramente como professor de línguas estrangeiras ou português. É possível que durante a segunda metade do curso, os alunos comecem a perceber que preferem o ensino à tradução, ou que não dispõem das habilidades necessárias para atuar como tradutores.

### A pesquisa da USP

Como o curso da USP é um curso de especialização de longa duração, onde a faixa etária do alunado é em geral bem mais alta que a dos alunos de graduação, a primeira pergunta referiu-se ao *background* dos alunos.

**Tabela 5: Profissão dos estudantes da USP**

Profissão	N.	%
Tradutor	16	25%
Nenhuma	9	14%
Professor/a	29	45%
Outros	10	16%
Total	64	

Os alunos do curso são provenientes de um variado número de profissões e no período em que os questionários foram aplicados, o grupo incluía uma jornalista, uma secretária, uma empresária, uma diretora teatral e uma psicóloga. A maioria dos alunos era de professores, o que se deve parcialmente ao fato de o curso ser ministrado em turno vespertino, favorecendo muitos professores que têm horários flexíveis ou que trabalham em tempo parcial. Outros alunos do curso da USP combinavam atividades de tradução com atividades de ensino.

A tabela seguinte mostra os resultados relativos ao *background* acadêmico dos alunos, que precisam ser graduados para freqüentar o curso da USP.

**Tabela 6: Background acadêmico dos alunos da USP**

Área	N.	%
Letras	31	54%
Economia, Administração, Contabilidade	5	9%
História	3	5%
Psicologia	3	5%
Ciências Exatas	3	5%
Outros	13	22%
Total	58	

Dois fatores merecem destaque: em primeiro lugar, o fato de que a maioria dos alunos tem formação em letras; em segundo lugar, a grande variedade do *background* de outros alunos. Encontramos representantes das diversas áreas do ensino superior. Além dos cursos mencionados na Tabela 6, foram encontrados alunos com formação em química, arquitetura, ortopedia, propaganda, música, jornalismo, odontologia, ciências sociais,



computação, direito e engenharia florestal. Vale mencionar que, até 1993, o Curso de Especialização em Tradução só admitia graduados em língua inglesa e literatura de língua inglesa.

A próxima pergunta do questionário indagava das razões pelas quais os alunos estavam fazendo o curso.

**Tabela 7: Por que os alunos estão fazendo o curso**

Razão	N.	%
Melhorar a tradução	23	33%
Conhecimento teórico	5	7%
Redigir dissertação	2	3%
Mais possibilidades de emprego	27	39%
Melhorar o inglês	7	10%
Outros	6	9%
Total	60	

Parece que o Curso de Especialização em Tradução é um tipo de curso de retreinamento, já que dá a profissionais de outras áreas, a maioria deles professores, a possibilidade de encontrar outra fonte de renda. Uma porcentagem menor (já atuando como tradutores) freqüenta o curso para aperfeiçoar as habilidades de tradução. Como observado nos cursos de graduação, vários alunos da USP fazem o curso para melhorar suas habilidades lingüísticas, embora a porcentagem aqui seja menor (10%) do que nos outros cursos (RP 53% e Ibero 62%). Ainda que o curso tenha caráter prioritariamente prático, sete alunos estão fazendo o curso para adquirir conhecimento teórico ou para, possivelmente, preparar uma dissertação. De fato, um número considerável de alunos ingressa no curso de mestrado em letras modernas após completar o curso de especialização. Poderíamos dizer que o Curso de Especialização em Tradução tem sido visto por muitos alunos como uma forma de “colocar um pé” no curso de Mestrado.

**Tabela 8: Alunos USP que trabalham regularmente com tradução**

	N.	%
Editoras	4	7%
Técnica	11	18%
Casualmente	26	43%
Outros	3	5%
Não	16	27%
Total	60	

Os resultados da Tabela 8 revelam que somente 25% dos alunos trabalham com tradução regularmente, embora um número elevado já tenha trabalhado esporadicamente com traduções remuneradas, ou informalmente, traduzindo para amigos ou colegas de sala. Muitos dos alunos (27%) nunca fizeram qualquer tipo de tradução remunerada.

**Tabela 9: Áreas de atuação preferidas na tradução**

Área	N.	%
Comercial	2	3%
Técnica	15	20%
Mídia	7	9%
Interpretação	3	4%
Literatura	11	15%
Medicina	10	13%
Juramentada	3	4%
Jornalismo	6	8%
Direito	2	3%
Outros	14	19%
Total	75	

Os alunos consultados demonstraram o desejo de atuar em uma variedade de áreas, com predominância da área comercial e técnica. Esse fato corrobora a suposição de que os alunos procuram no curso uma forma de ingressar em outra carreira e tentar melhorar sua renda.

A tradução comercial e técnica propicia melhor remuneração do que a tradução literária, tornando-se, assim, mais atraente para o aluno de tradução. Por outro lado, há também interesse

bastante significativo pela tradução literária (15%) e pela tradução para a mídia (9%). Embora a interpretação não faça parte do curso, 3 alunos (4%) expressaram seu desejo de atuar como intérpretes.

**Tabela 10: Alunos que teriam feito curso de graduação em tradução**

	Sim		Não		Não sabem	
Alunos	29	54%	24	44%	1	2%

Esta pergunta repete o ponto já anteriormente discutido, qual seja, se seria ou não vantajoso para a USP ter um curso de graduação em tradução. Os argumentos a favor incluíam, no caso do graduado em tradução, a possibilidade de ingressar na profissão mais cedo e com melhor preparo. Por estarmos lidando com hipóteses, não é possível dizer ao certo se os alunos consultados teriam realmente escolhido cursar graduação em tradução, ou se, de fato, esses mesmos alunos estariam prontos para entrar no mercado ao final de seus cursos. Entretanto, tenho certeza de que se um curso de graduação em tradução fosse oferecido pela USP, seria uma opção muito popular.

Finalmente, examinei as respostas à última pergunta em relação ao *background* acadêmico dos alunos:

**Tabela 11: Alunos que teriam feito curso de graduação em tradução: letras e não-letras**

	Letras				Não-Letras			
	Sim	%	Não	%	Sim	%	Não	%
Alunos	22	73%	8	27%	8	32%	17	68%

Um lado da tabela parece ser a imagem especular do outro. Mais de dois terços dos alunos que se graduaram em letras teriam feito graduação em tradução se esse curso existisse na época. Por outro lado, 68% dos que fizeram graduação em outra área (não-letras) *não* teriam optado por um curso de graduação em tradução. Assim, os que não são da área de letras preferem o sistema atual da USP, ou seja, preferem fazer um curso de especialização em tradução após concluir uma graduação em outra área.

## Conclusões

i) A maioria dos estudantes de RP e Ibero que responderam ao questionário estava fazendo o curso para adquirir e/ou melhorar suas habilidades lingüísticas, além de ter contato com uma cultura estrangeira. Somente uma minoria dos alunos ingressou no curso especificamente para tornar-se tradutor/intérprete ou para aperfeiçoar habilidades de tradução. Devido ao baixo prestígio dos cursos de letras no Brasil e à baixa motivação para atuar no ensino público fundamental e médio, os cursos de graduação em tradução gozam de maior respeitabilidade e são vistos como mais pró-ativos. Em termos do exame vestibular em RP, por exemplo, as notas exigidas para cursos de tradução são mais altas em relação aos cursos de Letras. Além disso, cabe notar que as metodologias contrastivas utilizadas por cursos de tradução podem significar uma boa maneira de aprender uma língua.

ii) Ainda que se tenham observado discrepâncias entre os informantes quanto à questão da utilidade de um curso de graduação antes do ingresso na profissão (em tradução ou em outra área), os participantes da pesquisa informal pela Internet acreditavam consensualmente não haver qualquer correlação entre cursos universitários e a profissão de tradutor. Mencionou-se o fato de que poucos dos professores que ministram aulas de prática de tradução têm prática como tradutores. É realmente baixa a oferta de professores com experiência em tradução, especialmente nas áreas técnicas. Em muitos casos, profissionais com sólida experiência em tradução técnica não estão qualificados para o ensino de tradução. Muitos desses profissionais não acreditam que trabalhar na universidade seja viável em termos financeiros. A ausência desses profissionais no ensino de tradução das universidades impede que o aluno tenha contato efetivo com as áreas técnicas, uma vez que tal contato se limita geralmente à tradução de um texto técnico durante o estágio obrigatório. A tradução no Brasil não é uma profissão regulamentada. Diferentemente do jornalismo, os tradutores *in-house* (em número cada vez menor) não precisam ser graduados especificamente em tradução ou em letras. Assim, um candidato à posição de tradutor que seja graduado em tradução terá poucas vantagens

em relação a candidatos em condições diferentes. Muitas editoras ou empresas que decidem contratar tradutores consideram irrelevante o fato de o candidato ser graduado em tradução. Os empregadores muitas vezes preferem verificar as habilidades do candidato através de testes de tradução.

iii) Ironicamente, muitos estudantes de tradução tornam-se professores ao final do curso. No Brasil a procura é muito grande por professores de línguas, especialmente de inglês e espanhol. Isto torna relativamente fácil a colocação de estudantes de línguas no mercado de ensino de idiomas. Em Rio Preto, as escolas de línguas preferem empregar alunos do curso de tradução a empregar alunos de letras, já que o nível de conhecimento da língua estrangeira dos alunos de tradução é considerado melhor.

iv) O curso de especialização da USP tem, até certo ponto, características de um curso de retreinamento, ou seja, oferece a alunos mais maduros de outras áreas (especialmente professores) a possibilidade de exercer outra profissão. O curso não costuma atrair grande número de tradutores, provavelmente por ser oferecido no período vespertino, horário em que os tradutores *in-house* estão trabalhando.

### **Mais comentários e sugestões**

Será a universidade brasileira o melhor lugar para treinar tradutores e intérpretes? Quanto aos cursos de graduação (sobre cujos ingressantes a Universidade tem pouco ou nenhum controle) ou mesmo cursos de especialização: será este o meio apropriado de treinamento para uma profissão tão especializada? Uma escola bastante elogiada por boa parte dos tradutores consultados pela Internet foi a *Associação Alumni*, uma escola de inglês que também oferece cursos de tradução e interpretação. O ingresso no curso requer a aprovação do candidato em uma prova especial, além do pagamento de mensalidades altas. O curso com duração de dois anos compreende prática de tradução e versão em várias áreas técnicas. A *Alumni* também tem ligações com a APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência - e

freqüentemente consegue colocação profissional para seus melhores alunos.

Contudo, podemos nos perguntar se é realmente importante o fato de somente uma porcentagem baixa dos graduados estar trabalhando na profissão de tradutor. Será que um mercado altamente especializado seria capaz de absorver todos os graduados dos cursos de tradução? Seria interessante que outro estudo buscasse examinar o número de graduados que efetivamente acabam seguindo a profissão de tradutor.

Não poderíamos dizer que as escolas de tradução no mundo inteiro estão produzindo seu sistema bem sucedido de auto-propagação? O número de cursos de graduação de tradução na Espanha aumentou consideravelmente nos últimos 20 anos, assim como o de cursos de mestrado em tradução no Reino Unido. Para muitos dos alunos desses cursos, a graduação ou pós-graduação em tradução representam uma maneira excelente de adquirir e/ou aperfeiçoar suas habilidades lingüísticas, podendo ainda resultar em um emprego como tradutor. Mesmo entre professores de tradução, há muitos que se interessam por cursos de atualização e de especialização.

Finalmente, gostaria de questionar o valor de cursos que treinam para uma "carreira", num mundo onde há cada vez menos "empregos para a vida toda". Já mencionei anteriormente que tradutores *in-house* são uma raça em extinção. Hoje em dia, muitos tradutores abrem suas próprias microempresas e combinam tradução com outra atividade profissional, como, por exemplo, ensino, editoração, copidesque ou jornalismo. Este estudo evidenciou que existe um grande número de professores-tradutores e que somente uma pequena porcentagem dos alunos de cursos de tradução tornar-se-ão tradutores profissionais. Não seria razoável que os cursos de tradução prestassem mais atenção à versatilidade e às habilidades necessárias aos estudantes, que logo ingressarão na profissão com empregos que exigirão habilidades diversas?

Uma sugestão seria a criação de cursos pontuais sobre aplicativos, editoração e gerenciamento de microempresas, disponíveis a alunos de graduação e especialização em tradução.

Gostaria de agradecer a Fernando Dantas, José Garcez Ghirardi, Almiro Pisetta, Aداuri Brezolin e Leandro Konder, da Faculdade Ibero-Americana; e Stella Tagnin, da USP. Agradeço especialmente a Álvaro Hatthner da UNESP – Rio Preto, pela ajuda na aplicação dos questionários.

### **Referências bibliográficas**

PYM, A. (1999) Why Translation Studies Should Learn to Be Homeless. In: *Tradução e multidisciplinaridade*. Marcia A. P. Martins (Ed.). Rio de Janeiro, Lucerna, p. 35-51.

